

# Tratados com EUA e Europa elevariam as exportações do país em 121%, mostra estudo

BRASIL



Por **Daniel Rittner** | De Brasília

O mais abrangente estudo já feito no país sobre os impactos de uma grande zona transatlântica de livre comércio aponta "séria ameaça" à produção nacional como resultado de eventual tratado entre Estados Unidos e União Europeia. A boa notícia é que, se impulsionar sua **política comercial**, o Brasil pode colher mais benefícios do que desvantagens em acordos semelhantes com americanos e europeus.

Por isso, a mensagem do estudo é clara: o governo brasileiro deve evitar o isolamento e apostar em negociações de liberalização do comércio com as duas maiores economias do planeta.

Um acordo comercial com os EUA e a UE pode ren-

der ao Brasil um aumento de 121% nas exportações a esses dois mercados, o que significaria US\$ 91,5 bilhões a mais com base em valores de 2012, segundo estudo encomendado pela **Confederação Nacional da Indústria (CNI)** à Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP). Por outro lado, o impacto potencial nas importações brasileiras de produtos americanos e europeus é de 34,9%, o que corresponderia a US\$ 27,9 bilhões sobre os valores do ano passado.

Trata-se, portanto, de ganho nítido para a balança comercial brasileira. Na simulação, considera-se que 13 de 21 segmentos do agronegócio saem ganhando, com destaque para carnes, óleos vegetais, soja e café. Na indústria, 8 de 21 setores também devem aumentar as exportações mais do que as importações, como derivados de petróleo e produtos de couro. Um grupo puxado por papel e celulose, produtos químicos, motores para veículos, máquinas e eletrônicos tende a ficar no prejuízo.

O diretor de desenvolvimento industrial da **CNI**, **Carlos Abijaodi**, acredita que não é problema o fato de nem todo mundo ter impactos positivos com a abertura comercial. E minimiza a maior concorrência com importados. "A sensação dos empresários é: o que tinha que entrar já entrou."

O estudo prevê que, em um eventual acordo de livre comércio, haveria a derrubada de 50% das tarifas agrícolas dos EUA e da UE. O Brasil retiraria 50% de suas tarifas industriais, com uma liberalização completa de barreiras não tarifárias (técnicas e fitossanitárias), de lado a lado. Apesar do reconhecimento de que muitos setores são ameaçados com a abertura comercial, o trabalho conclui que "a integração do Brasil com essas duas grandes economias é fundamental para a sobrevivência da indústria, em tempos de cadeias globais de valor".

Continuação: Tratados com EUA e Europa elevariam as exportações do país em 121%, mostra estudo

"A posição de isolamento do Brasil chegou ao limite e precisa ser repensada com urgência", diz Vera Thorstensen, coordenadora do Centro do Comércio Global e Investimento da FGV-SP, uma das co-autoras do estudo. Diante da falta de resultados palpáveis da Rodada Doha, lançada em 2001 e até hoje sem nenhum desfecho, ela lembra que a **Organização Mundial do Comércio (OMC)** tem se dedicado cada vez mais ao papel de arbitrar disputas internacionais. "A consequência dessa crise é a multiplicação de acordos regionais. E, dos países significativos, o Brasil é o que menos fez acordos. Essas parcerias são entre países Sul-Sul e com baixo impacto comercial", diz Vera.

Para Vera, que foi assessora econômica da missão brasileira em Genebra entre 1995 e 2010, as negociações EUA-UE podem definir parâmetros de novas regras no sistema de comércio em áreas como serviços, investimentos e propriedade intelectual. Por isso, mesmo que os impactos de um tratado transatlântico possam até ser considerados baixos para o comércio exterior do Brasil, ele tem potencial para deixar o país com papel "secundário" na arena global e para afetar negativamente a **competitividade** nacional.

Nas simulações feitas por Vera e pelo professor Lucas Ferraz, que assina com ela o estudo, o Brasil verá suas exportações aos EUA e à UE reduzidas em US\$ 3,8 bilhões caso assista parado ao fechamento de um acordo entre as maiores economias do planeta. Trata-se de uma queda de 5% sobre as vendas para esses dois mercados. Enquanto isso, as importações ten-

dem a diminuir US\$ 3,1 bilhões, o equivalente a 4% das compras em 2012.

"Os EUA podem preencher cotas hoje ocupadas pelo Brasil na União Europeia", adverte Vera. Ela cita três setores como exemplos: soja, suco de laranja e carnes. Mas os reflexos mais importantes podem ser vistos no nível de atividade da economia, que sente diretamente a perda de **competitividade**, com reduções no PIB setorial de até 15 entre 20 ramos do agronegócio e de até 14 entre 21 segmentos da indústria nacional.

De acordo com a pesquisadora, o estudo reforça a tese da **CNI** de que é preciso acelerar o acordo com a UE e abrir negociações com os EUA, mas não apenas com foco nas **tarifas de importação**. "A nova agenda inclui barreiras não tarifárias e cláusulas de salvaguarda cambial". O **Mercosul** se tornou uma "camisa de força" para atingir esses objetivos e "negociar como bloco não nos traz nenhum ganho relevante a mais", diz Vera.

Abijaodi, da **CNI**, diz que a paralisia do **Mercosul** nos últimos anos provocou um amadurecimento da indústria brasileira e a convicção de que não é preciso ter todos os sócios do bloco abrindo seus mercados no mesmo ritmo. "A gente respeita o **Mercosul**, acha que ele é importante, mas não suficiente. O próprio histórico do bloco já demonstrou não ser necessário ter todos juntos ao mesmo tempo."